

# Psicanálise e holocausto

## – a pulsão de morte em testemunho

Marília Vilhena<sup>1</sup>

---

**RESUMO** Ao reconhecer o vigor do legado freudiano, que irrompe para além de sua obra e de seu tempo, o presente artigo pretende, em breve incursão e de modo interdisciplinar, pensar o inacabado, inacessível, inviolável e demoníaco conceito de pulsão de morte, articulando-o com o maior genocídio do século XX, o Holocausto. No momento atual de nossa cultura, a existência de discursos nazistas e neonazistas confirma a relevância do testemunho, fundamental hoje e sempre, acerca da presença imperativa de Tanatos, ponto de abismo radicalmente problemático que reina como mal-estar na civilização. Em nossa busca de fortalecimento de Eros, seguindo Freud, visamos testemunhar a impossibilidade de praticar a psicanálise sob totalitarismos.

**PALAVRAS-CHAVE:** psicanálise; pulsão de morte; holocausto; testemunho.

*do homem vieste  
e ao homem retornarás*

*A morte na guerra principia  
na descida de um moço  
pela escadaria.*

*A morte na guerra principia  
No fechar da porta em silêncio,*

---

1. Psicanalista, Graduada (IFCS-UFRJ) e Licenciada (EDU-UFRJ) em Filosofia, Mestra em Psicologia Clínica (PUC-Rio), Doutora em Comunicação (ECO-UFRJ); Psicóloga do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente, Hospital Pedro Ernesto (NESA-HUPE-UERJ).

*a morte na guerra principia  
no abrir a janela para ver.*

*Portanto não chorei por aquele que segue,  
chorei pelo que desce a escadaria de sua casa,  
chorei por aquele que guarda sua chave  
no bolso derradeiro.*

*Chorei pela foto que lembra por nós,  
chorei pelo papel que lembra,  
chorei pelas lágrimas que não lembram.*

*E nesta primavera  
quem se erguerá para dizer ao pó:  
do homem vieste e ao homem retornarás.*

*Yehuda Amichai (2018)*

Se observarmos, no século XXI, há uma intensificação dos psicanalistas na cultura, por exemplo, nos hospitais, em instituições de saúde, na universidade, em especial na pós-graduação. Se o lugar da disciplina freudiana está hoje assegurado, a historiadora francesa Elizabeth Roudinesco (2006), criteriosamente testemunha que não é possível praticar a psicanálise sob totalitarismos.

Intensamente amado e odiado, Sigmund Freud permanece vivo, criador de uma revolução que impregnou o espírito de nosso tempo, ao fazer existir o que o discurso da razão buscava mascarar: o diabólico, o desconhecido, a estranheza, o irracional, o lado obscuro que há na humanidade. Para o pai da psicanálise, o amor e a psicanálise são meios de nos reconciliar com nossa história e inventar outros futuros possíveis. Vamos aos testemunhos.

O psicanalista Benilton Bezerra Jr. (Cezimbra, 2006) considera fundamental, no legado de Freud, a implicação do sujeito no destino que o espera, sujeito de seu destino, sujeito freudiano que estará sempre em qualquer cultura humana. A psicanálise, espaço de subjetivação e historicização, preserva o conceito de sujeito psíquico nas patologias contemporâneas, tais como o vazio, as adições, o não ser, diz-nos o psicanalista José Outeiral (Cezimbra, 2006).

O que permanece vivo e atual na obra freudiana, enquanto patrimônio da humanidade, segundo o psicanalista Renato Mezan (Cezimbra, 2006), consiste na descoberta do inconsciente e da possibilidade de a ele ter acesso. O

método analítico, enquanto forma geral de entrar em contato com o inconsciente e de neste intervir, permanece e continuará irredutivelmente marcado pela singularidade de cada um.

Ao pensar o presente, a psicanálise e seu futuro, Freud enfrentou em sua vida pessoal o real da segregação, fardo ético da sobrevivência, consequência da errância milenar do povo judeu, alteridade multiplicada e fragmentada em estilhaços. Em 1939, abrigado em Londres, Freud lembra de modo quase testamental as lições fundamentais da psicanálise, a primeira, segundo a psicanalista Betty Fuks (2014): o indestrutível no sujeito é a condição de estrangeiro a si mesmo.

Em seus comentários sobre a literatura do testemunho e os efeitos do trauma nas gerações posteriores, o quanto aí convivem Eros e Tanatos, Fuks (2014) afirma que a particularidade do povo judeu o tornou um inimigo preferencial ao longo da história. De acordo com a autora, o genocídio contra grupos aponta, dolorosamente, para a existência da alteridade, da diferença. Acerca do texto de Fuks, *O homem Moisés e a religião monoteísta* (2014), testemunha no prefácio a organizadora da coleção “Para Ler Freud”, Nina Saroldi (2014):

Retornando à Psicologia das massas e análise do eu, bem como a O mal-estar na cultura, para tratar das vicissitudes do judaísmo, Betty ressalta o fato de que os grupos precisam de um inimigo para fortalecer sua ligação interna. O grande problema que se pode depreender disso é saber o quanto é possível lidar, sem recorrer à violência, com esse inimigo necessário. No fim das contas, toda tolerância é como um elástico que em determinado ponto, ao ser esticado, vai arrebentar. (p. 18)

Para um pensador atento ao mal-estar de sua época, torna-se prioritária a reflexão sobre a barbárie, sobre o universal horror à diferença que habita a alma humana. Betty considera que, nos dias de hoje, o ideal da “raça pura” retorna, insidiosamente, em versão *light*, com apoio do discurso médico, da engenharia genética, pelo ideal de uma sociedade perfeita.

No século XXI, o saber psicanalítico, em ressonância com saberes de diferentes áreas da ação humana, caminha no sentido de questionar a atual fantasia totalizadora de que o conhecimento de um programa dará ao homem, por exemplo, o domínio completo sobre si mesmo. A genialidade de Freud desfaz a armadilha do conhecido, do familiar, ilusão de um sujeito transparente a si mesmo, sujeito enquanto perfeição individual.

Recentemente<sup>2</sup>, soubemos que o *youtuber* Bruno Aiub, apresentador da *Flow* Produção de Conteúdo Audiovisual LTDA, foi demitido. Monark, como é conhecido, defendeu, no episódio 545 (logo retirado do ar) do *Flow* Podcast, um partido nazista reconhecido por lei no Brasil. Ele assim o testemunha a Athur Leal: “Eu acho que o nazista tinha que ter o partido nazista reconhecido pela lei”, “As pessoas não têm o direito de ser idiotas? A gente tem que liberar tudo”, “Se o cara quiser ser antijudeu, ele tinha que ter direito de ser”.

No *Flow* Podcast, o deputado Kim Kataguirí (DEM-SP), de quem se quer a cassação de mandato, afirmou que o nazismo não deveria ter sido criminalizado na Alemanha após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Para ele, por mais absurdo, idiota, antidemocrático, bizarro e/ou tosco que seja o que o sujeito defenda, isto não é crime (Duarte, 2022).

Condenado na Alemanha por negar publicamente o Holocausto no Memorial do campo de concentração de Dachau, Nikolai Nerling vive temporariamente como turista no Brasil desde o início de novembro de 2021. Figura importante da extrema-direita alemã, ele mantém contato com neonazistas violentos. Niklas Franzen (2022) escreve que o *videoblogger* lamenta um suposto “genocídio de brancos” e que qualquer pessoa que expresse dúvidas sobre a história do Holocausto se considerada “pior que um assassino”.

No artigo “Bioética e manipulação da vida”, Volney Garrafa (2003) afirma que, a cada dia, tornam-se mais frequentes e delicados os conflitos entre progresso biomédico, direitos humanos e equilíbrio futuro. Quanto à liberdade individual e coletiva conquistada pela humanidade no decorrer dos tempos, a pluralidade constatada neste início de milênio demanda do estudo bioético da questão da “manipulação da vida” a contemplação, na medida do possível, de forma multidisciplinar, de todas estas possibilidades. Ora, o conceito de equidade, ou seja, a disposição de reconhecer o direito de cada um a partir de suas diferenças, passa a constituir-se na palavra-chave em saúde no início do século XXI.

Nasci a 6 de maio de 1856, em Freiberg, na Morávia, pequena cidade situada onde agora é a Tchecoslováquia. Meus pais eram judeus e eu próprio continuei judeu. Quando, em 1873, ingressei na universidade, experimentei desapontamentos consi-

---

2. Matutina, Primeiro Caderno, página 8, O Globo, 08/02/2022, visto em <https://oglobo.globo.com/brasil/mpf-analisa-fala-de-monark-sobre-criacao-de-partido-nazista-consulado-da-alemanha-entidades-judaicas-museu-do-holocausto-repudiam-declaracoes-25385827>

deráveis. Antes de tudo, verifiquei que se esperava que eu me sentisse inferior e estranho porque era judeu. Recusei-me de maneira absoluta a fazer a primeira dessas coisas. Jamais fui capaz de compreender por que devo sentir-me envergonhado da minha ascendência ou, como as pessoas começavam a dizer, da minha ‘raça’. (Freud, 1925[1924]/1996e, p. 18-19)

Em escrito anterior de 1921, Freud já demonstrava, através da psicanálise, sentimentos de aversão e hostilidade em quase toda relação emocional íntima entre duas pessoas, que dura certo tempo. A seu ver, o mesmo acontece em unidades maiores, como, por exemplo, em raças estreitamente aparentadas que se mantêm a certa distância entre si. Freud não se espanta que diferenças maiores conduzam a uma repugnância quase insuperável, vide a que o povo gaulês sente pelo alemão, o ariano pelo semita e as raças brancas pelos povos de cor.

Não sabemos por que tal sensibilidade deva dirigir-se exatamente a esses pormenores de diferenciação, mas é inequívoco que, com relação a tudo isso, os homens dão provas de uma presteza a odiar, de uma agressividade cuja fonte é desconhecida, e à qual se fica tentado a atribuir um caráter elementar. (Freud, 1921/1996d, p. 19)

Ao nos lembrarmos do dualismo da segunda tópica freudiana entre pulsões de vida (Eros) e pulsões de morte (Tanatos), o objetivo de Eros é animar a substância inorgânica, reunir e manter juntas as partes da substância viva (processo secundário; ligação, amor), enquanto Tanatos é o processo primário, libertação, ódio voltado inicialmente para o interior (masoquismo primário, autodestruição, ligados libidinalmente ao indivíduo), secundariamente dirigido ao exterior (pulsão agressiva ou destrutiva, sadismo).

Na segunda tópica freudiana, em textos como *Além do princípio de prazer* (1920/1996c) e *Por que a guerra?* (Einstein e Freud, 1933[1932]/1996h), deparamo-nos com o predomínio do caráter “pulsional”, da aparência demoníaca em oposição às pulsões de vida [Eros; tendência à preservação e à união; princípio de prazer (prazer- desprazer) – realidade; pulsões sexuais]. De nada adianta tentar eliminar as diabólicas pulsões de morte (Tanatos; tendência à destruição e à agressividade; além do princípio de prazer), restando apenas à teoria mitológica das pulsões mesclar a satisfação de impulsos destrutivos dos indivíduos com motivos de natureza libidinal, erótica e idealista.

Anteriormente, em *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (1915/1996b), Freud havia percebido a necessidade biológica e psicológica do

sofrimento na vida humana. O obscuro sentimento de culpa ligado à humanidade desde tempos remotos resulta da matança e do devoramento de um violento pai real da primitiva horda e de uma posterior identificação com ele, disto originando-se a organização social, as restrições morais e a religião. “O ‘Não matarás’ assegura-nos que brotamos de uma sucessão interminável de gerações de assassinos. Mesmo hoje, a história do mundo que nossos filhos aprendem na escola é essencialmente uma série de assassinatos de povos” (Freud, 1915/1996b, p. 331).

A tese da pulsão de morte afirma o que há de mais radical, pulsional, indestrutível no desejo inconsciente: qualquer desejo se liga indissolúvelmente ao desejo de morte. A hipótese freudiana das pulsões de morte em *Além do princípio de prazer* baseia-se em: as pulsões tendem à restauração de um estado anterior de coisas (vide o mito de Aristófanes em *O banquete*, de Platão); tudo que vive morre por razões internas (torna-se mais uma vez inorgânico); o objetivo de toda vida é a morte (“Deveis à natureza uma morte”); as coisas inanimadas existiram antes das vivas. Em Freud, o destino da libido, da vida, define-se pela morte; toda pulsão é, enquanto tal, demoníaca pulsão de morte. A autoconservação do organismo implica que este siga seu próprio caminho para a morte.

Se tomarmos como verdade que não conhece exceção o fato de tudo o que vive, morrer por razões internas, tornar-se mais uma vez inorgânico, seremos então compelidos a dizer que o objetivo de toda a vida é a morte, e, voltando a olhar para trás, que “as coisas inanimadas” existiram antes das vivas. (Freud, 1920/1996c, p. 56)

Em seu seminário VII, Jacques Lacan (1988) diz-nos que a pulsão de destruição deve estar além da tendência ao retorno ao inanimado. A articulação da pulsão de morte, considerada pelo psicanalista francês suspeita, mas necessária, conduz Freud a um ponto de abismo radicalmente problemático, revelador de uma estrutura de campo. Este é um domínio não identificado por Freud, que sempre o tratou com a maior reserva, esta verdadeira barreira que detém o sujeito diante do campo inominável do desejo radical, campo da destruição absoluta além da putrefação.

Ora, o incômodo impacto com que a demoníaca pulsão de morte se faz presente no sujeito como princípio disjuntivo do sexual brota de sua impossibilidade de representação. Se Tanatos supõe desde o início sua associação com a pulsão de vida, sua positividade permanecerá, todavia, fora do circuito simbólico, aquém ou além das distorções viabilizadas discursivamente.

A psicanálise depara-se, enfim, com a nudez inviolável da pulsão de morte, que reina como mal-estar na civilização (Freud, 1930[1929]/1996g). Ao esbarrar com um limite, com algo de inacabado e de inassimilável, a questão que a psicanálise nos impõe, questão trágica por excelência, lança a todo momento o discurso na superação de si mesmo, no ainda não pensado acerca do pensável. Há algo do sujeito que ele não mais integrará como algo seu; algo do sujeito que irredutivelmente lhe escapa ao controle. O sujeito forçosamente fala porque é distinto do que ele diz, é capaz de mentir. Freud descobre no inconsciente a dimensão do sujeito que fala enquanto enganador.

No antigo texto de Jaques Lacan, “O estádio do espelho como formador da função do eu” nos *Écrits* (1966), a imagem, a *Gestalt* adquirida pela criança a partir dos seis meses, as concomitantes assunções jubilatórias de sua imagem especular, impotência motora e dependência de alimentação, manifestam a matriz simbólica em que o eu primeiramente se precipita. A forma unificada do corpo é antevisão em miragem do poder do sujeito, é exterioridade sobretudo constituinte, estátua imobilizada sob uma simetria invertida em oposição à turbulência de movimentos que a anima. O eu aí prefigura sua destinação alienante e se projeta em uma relação ambígua com o mundo fantasmático de sua fabricação.

O estádio do espelho é drama, insuficiência e antecipação. Este momento de simultaneidade entre ilusão de autonomia e autossuficiência da consciência e desconhecimentos constitutivos do eu faz oscilar todo o saber humano na mediatização pelo desejo do outro, na concorrência e rivalidade de outrem, na cicatriz narcisista do cúme primordial.

O ocultamento do destino em um mar de histórias faz do sujeito perda e desfalecimento constante, sujeito nunca idêntico a si mesmo que se constitui de modo lacunar e evanescente ao deslizar em uma cadeia simbólica de significantes. “O mundo, o mundo do ser cheio de saber, é apenas um sonho, um sonho do corpo enquanto falante, pois não existe sujeito conhecedor” (Lacan, 1966, p. 171).

Se a obra freudiana sublinha a impotência do eu face às forças demoníacas do isso e à crueldade e violência do supereu, constatamos na história de Adolf Hitler, em contrapartida, uma história de poder, de uma egomania impiedosa, inflexível, sem limites. Hitler objetivava compensar todos os reveses profundamente sentidos da primeira metade de sua vida – rejeição como artista, falência social, desmoroamento de seu mundo na derrota e na revolução de 1918 – através deste afrodisíaco que o consumia totalmente. Sede de poder pessoal de tal magnitude, junto a um apetite insaciável por conquistas territo-

riais, equivalia a uma aposta onipotente no monopólio do poder no continente europeu e, mais tarde, no mundo. O ataque nazista às raízes da civilização, sim, foi um traço definidor do século XX.

Sem qualquer capacidade de limitação, a progressiva megalomania de Hitler, em sua missão histórica de salvar a Alemanha, continha, inevitavelmente, as sementes de autodestruição. Enquanto uma conquista imperialista, suas formas modernas de barbárie evocam as piores conquistas bárbaras de séculos passados. Um observador perspicaz comentou em 1940:

Hitler é o suicida em potencial *par excellence*. Ele não tem laços fora de seu ego. [...] Ele está na posição privilegiada de alguém que não ama nada e ninguém senão ele mesmo. [...] Então, pode ousar tudo para preservar ou aumentar seu poder [...] que é a única coisa que se interpõe entre ele e a morte rápida. (Kershaw, 2010, p. 32)

Convém assinalar que o impacto de Hitler não deve ser entendido somente através de seus objetivos ideológicos, ações e contribuição pessoal. Fundamental é, também, levar em conta as forças sociais e estruturas políticas que promoveram o desastroso crescimento de um sistema cada vez mais dependente de um poder pessoal e absoluto.

Segundo o historiador Yan Kershaw (2010), a ditadura de Hitler se caracteriza como um paradigma para o século XX. Ela nos mostrou como uma sociedade moderna, avançada, culta pode afundar rapidamente na barbárie, culminando em guerra ideológica, brutalidade, rapacidade dificilmente imagináveis, e em um genocídio como o mundo jamais testemunhara.

Na ditadura de Hitler, listamos a reivindicação total do Estado moderno, graus imprevistos de repressão e violência estatal, manipulação sem paralelo dos meios de comunicação no controle e mobilização das massas, ultranacionalismo, o poder terrivelmente destrutivo das ideologias de supremacia racial, a utilização perversa da tecnologia moderna e da “engenharia social”.

Lila Binensztok, casada e brasileira naturalizada Liliana Syrkis, nascida em 1923, na cidade de Pinsk, na Polônia, foi surpreendida, aos 15 anos, pelo eclodir da II Guerra. Pai executado dentre oito mil oficiais poloneses executados por ordem de Stalin, Lila, com mãe e irmã pequena, foi deportada para a Sibéria, o que, paradoxalmente, lhes salvou a vida. De toda a família que permaneceu em Pinsk e lamentou sua deportação, ninguém sobreviveu.

Os judeus de Pinsk não foram deportados para campos de extermínio, que na época começavam a ser planejados. Foram, sim, massacrados, saqueados

em seus pertences, despojados de tudo através de seguidas matanças na cidade e arredores pela polícia polonesa e apoio de parte da população russa.

Em seu livro *Lila* (Syrkis, 2010), a autora testemunha:

Cerca de 40 mil judeus, entre moradores de Pinsk e muitos refugiados da parte originalmente ocupadas pelos alemães, foram exterminados, em levas sucessivas - massacres da fase “artesanal” do Holocausto. Hitler ainda não havia ordenado formalmente “a solução final” para os judeus, o que só aconteceria em 1942. (p. 57)

Na Sibéria, Lila sobreviveu a 45 graus negativos, fome, desolação, lobos e à polícia política stalinista, o NKVD. Ao final da guerra, conseguiu regressar à Polônia com o que restou de sua família.

Sobre o poder das multidões, lembro-me também da obra do genial Tolstói, *Guerra e paz*. Há uma cena inesquecível, em que ele descreve, quando uma multidão, durante o cerco de Napoleão sobre Moscou, ataca com fúria um inocente cidadão, acusado de ser espião francês, sem nenhuma prova, por um dos passantes. O coitado foi linchado, e nem teve a possibilidade de dizer uma palavra em sua defesa. (Syrkis, 2010, p. 135)

Primo Levi nasceu em Turim, em 1919, e formou-se pela Faculdade de Química de sua cidade, antes das leis fascistas impedirem o acesso dos judeus às universidades. Deportado em 1944 para o campo de concentração de Auschwitz, na Polônia, Levi sobreviveu dentre três dos seiscentos judeus com ele deportados.

Segundo o autor de *É isto um homem?* (1947/1998), a história dos campos de extermínio deve ser por todos entendida como sinal de perigo sinistro. Enquanto subsistir esta concepção do mundo levada às suas últimas consequências, estamos ameaçados. Levi nos revela que o livro nasceu nos dias do Campo pela necessidade elementar de contar “aos outros”, tornar “os outros” participantes. A seu ver, a obra não visou fazer novas denúncias, e, sim, apresentar documentos para um sereno estudo de certos aspectos da alma humana.

Mesmo no Campo, esta grande engrenagem que transforma humanos em animais, pode-se sobreviver para relatar a verdade, dar um depoimento. Viver implica, essencialmente, em esforço para salvar ao menos a estrutura, a forma da civilização. Diante da escravidão, do despojamento de qualquer direito, da exposição a qualquer injúria, do destino a uma morte quase certa, ainda resta a última opção, que se deve defender a qualquer custo, “a opção de recusar nosso consentimento”.

Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar a aniquilação de um homem. [...] Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, nada nos escutarão – e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubarão também o nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, deveremos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos. (Levi, 1947/1998, p. 55)

Durante as últimas semanas da guerra, a burocracia da SS<sup>3</sup> ocupou-se principalmente em falsificar documentos e destruir montanhas de papel que atestavam seus anos de assassinato sistemático. A dominação totalitária buscou estabelecer buracos de esquecimento, nos quais todos os feitos desapareceriam. Desde junho de 1942, todas as investidas nazistas, no sentido de eliminar os vestígios dos massacres – cremação, queima em poços abertos, uso de explosivos, lança-chamas, máquina trituradora de ossos, tentativas de fazer desaparecer seus oponentes em silencioso anonimato –, foram em vão.

Temos, à guisa de exemplo, a inútil queima dos arquivos pelo departamento de Eichmann. Segundo a filósofa Hannah Arendt (2013), Adolf Eichmann, um dos arquitetos da “solução final”, medíocre arrivista, nulidade submissa, funcionário sem discriminação moral, viu parar nas mãos dos Aliados toda sua correspondência endereçada a outros departamentos do Estado e do Partido. Documentos estes mais que suficientes para contar a história da Solução Final, história confirmada por testemunhos jurados e não jurados, dados geralmente por testemunhas e acusados de processos anteriores e, com frequência, por pessoas que não estavam mais vivas. “Os buracos de esquecimento não existem. Nada humano é tão perfeito, e simplesmente existem no mundo pessoas demais para que seja possível o esquecimento. Sempre sobra um homem para contar a história” (p. 254).

*Filhos de nazistas*, de Tania Crasnianski (2018), consiste no resultado de pesquisas aprofundadas em diferentes arquivos, em que são delineados oito retratos, nenhum deles anônimo, de filhos de nazistas. Gudrun, Edda, Martin, Niklas e outros são filhos do silêncio, descendentes dos criminosos responsáveis pelos tempos mais sombrios da história. Sua herança comum consiste no extermínio de milhões de inocentes por seus pais. Muito novos para entender

---

3. N. do R.: *Schutzstaffeln* – tropas de proteção

o que estava acontecendo, vários deles viveram em zona isolada, reservada ao Führer, a salvo das atrocidades da guerra.

Alguns deste filhos conseguem firmemente rejeitar a ação paterna sem deixar de amar o pai. Outros não podem amar um “monstro” e o negam a fim de preservar um amor filial incondicional, como Gudrum Himmler e Edda Göring, que se orgulham do sobrenome e veneram seus pais. Há, ainda, os que sentem ódio e rejeição. Alguns tomaram, por exemplo, o caminho da espiritualidade, ou se fizeram esterilizar para não transmitir o mal. Todos tiveram, conscientemente ou não, que escolher sua maneira de encarar o passado.

As gerações que se seguiram à guerra evitaram dela falar. Sob o império do silêncio, em um mutismo total, alguns nunca mais evocaram aquele período nefasto, no intuito de não comprometer a imagem que tinham de seus pais. Nenhum destes dirigentes nazistas revelou a seus filhos os horrores cometidos. Para escapar do passado, informações não foram transmitidas.

Podemos recorrer à noção de cisão, de coexistência no sujeito de duas potencialidades contraditórias, para tentar entender como estes homens, que tiveram uma vida dita normal, puderam, em paralelo, massacrar milhões de pessoas. Diz-nos a autora Tania Crasnianski (2018):

Como semelhantes monstros podiam beijar seus filhos antes de sair para matar ou mandar matar, sem um pingo de humanidade, homens, mulheres e crianças? Como imaginar Himmler beijando sua “Püppi”, sua bonequinha, antes de ir à Kommandantur assinar a ordem de execução de crianças simplesmente por serem judias? (p. 14)

Gudrun Himmler, “Puppi”, filha única legítima de Heinrich Himmler, sua bonequinha, é “a princesa do nazismo”, idolatrada por ser uma herdeira de primeira linha da grande Alemanha. De seu pai, Heinrich Himmler, homem-chave da Gestapo e da SS, seus colegas diziam que, quando menino, seria incapaz de fazer mal a uma mosca. Dedicada ao pai amoroso, Gudrun sempre o defendeu, incapaz de aceitar que ele fosse o organizador e executor da Solução Final. Para ela, homenagear a memória do pai implica adesão e envolvimento na ideologia nazista.

Tania Crasnianski (2018) nos remete ao livro *Eichmann em Jerusalém*, em que Hannah Arendt enfatiza o desumano que habita em cada um de nós e afirma a necessidade de se questionar sobre o que nomeia “banalidade do mal”. A incapacidade de se colocar no lugar do outro, a falta de empatia, a pura ausência de pensamento, segundo Arendt, permitiram a Eichmann se tornar um dos maiores criminosos de sua época. “Mesmo quando aplicava medidas de ex-

termínio, eu levava uma vida familiar normal [...] a vida familiar era uma coisa sagrada para mim. Estou ligado a ela por laços indissociáveis” (p. 13), declara Rudolf Höss, comandante de extermínio de Auschwitz.

Um avanço irreversível em direção ao genocídio, em 1939, foi chamado de “ação de eutanásia”; eutanásia esta involuntária, programa para matar doentes mentais e outros doentes incuráveis, baseado na noção de “peso morto” da sociedade, vida que não vale a pena viver, vida inútil que deve ser destruída.

Em *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, Freud (1915/1996b) comenta que, na história primeva da humanidade, pululam assassinatos: “Mesmo hoje, a história do mundo que nossos filhos aprendem na escola é uma série de assassinatos de povos” (p. 311-312). Ora, a psicanálise revela que, mesmo no homem moderno, os motivos puramente racionais podem pouco fazer contra seus impulsos apaixonados; de nada vale eliminar as inclinações agressivas, restando apenas à teoria mitológica das pulsões propor métodos indiretos de combate, à guerra: favorecer o estreitamento de vínculos emocionais entre os homens, comunhão de sentimentos, identificações etc... Todo indivíduo, contudo, é inimigo em potencial da civilização e provavelmente uma certa percentagem da humanidade será sempre associial: “o homem é o lobo do homem”.

O horror visceral de Hobbes ao “homem à solta” deriva da suposição de que um ser humano em seu estado natural, dispensado das limitações coercitivas (ou a elas jamais submetido) é uma besta, e não um indivíduo livre; um ser que, por falta de limites eficazes faz a vida “detestável, brutal e curta”, qualquer coisa, menos feliz. No estado de natureza, antes de ingressar no estado social, “a utilidade é a medida do direito” para o homem, que, levado por suas paixões, precisa conquistar o bem, ou seja, as comodidades da vida, que resulta em prazer. Dizem-nos *Os Pensadores*:

“O homem é o lobo do homem” é uma das frases repetidas por aqueles que se referem a Hobbes. Essa máxima aparece na obra *SOBRE O CIDADÃO*, coroada por uma outra, menos citada, mas igualmente importante: “guerra de todos contra todos”. [...] O altruísmo não seria, portanto, natural. Natural seria o egoísmo, inclinação geral do gênero humano, constituído por um “perpétuo e irrequieto desejo de poder e mais poder que só termina com a morte”. Essa ideia é afirmada por Hobbes em relação a todos os homens. (Monteiro, 1983, pp. 17-18)

No campo psicanalítico, em *Psicologia de grupo e a análise do ego*, Freud (1921/1996d) nos apresenta um indivíduo que, em um grupo, vê-se em condi-

ções que lhe permitem arrojarse de si os recalques de seus impulsos inconscientes, ou seja, dominado por um sentimento de poder invencível, que lhe permite render-se a pulsões que, estivesse ele sozinho, teria compulsoriamente mantido sob coerção. Quando indivíduos se reúnem em um grupo, todas as suas inibições caem e todas as pulsões cruéis, brutais e destrutivas, neles adormecidas como relíquias de uma época primitiva, são despertadas para encontrar gratificação livre. Porém, sob a influência da sugestão, os grupos também são capazes de elevadas realizações, abnegação, desprendimento e devoção a um ideal.

Um dos mais importantes ensaios sobre a humanidade no século XX resulta diretamente do terror infundido a Elias Canetti, seu autor, ainda jovem, nas ruas de Viena e Berlim, pelas primeiras manifestações populares de adesão ao nazifascismo. Em sua relevante obra *Massa e poder* (2005) especificamente na abordagem de “A massa”, Canetti afirma que nada há de mais temível para o homem do que o contato com o desconhecido. O sujeito humano evita, de todas as formas, aproximar-se do estranho. Somente na massa é possível aos homens libertarem-se deste temor de contato.

Segundo Canetti (2005), o acontecimento fundamental no interior da massa, no sentido de que, antes dele, ela não existia, consiste naquele em que todos os que a compõem desvencilham-se de suas diferenças e passam a sentirem-se iguais. Momento inaugural da descarga, no qual deitam-se abaixo as separações, cargas das distâncias que fazem do homem um ser rijo e sombrio. Somente a união de todos é capaz de promover-lhes um enorme alívio e a feliz sensação de que cada um encontra-se tão próximo dos outros quanto de si mesmo. Todavia, ao padecer de uma ilusão básica, há perigo neste momento tão cobiçado de descarga, razão pela qual os homens transformam-se em massa. Afinal, embora sintam-se subitamente iguais, estes não o são de fato, nem o são para sempre.

Ainda em Canetti (2005), dentre os traços mais notáveis na vida da massa, encontra-se algo como um sentimento de perseguição, uma particular ira, suscetibilidade, irritabilidade em relação aos que caracteriza como inimigos. Façam o que for, tudo é interpretado como provindo de uma inabalável malevolência, de uma disposição hostil, um propósito já firmado de, aberta ou dissimuladamente, destruí-la. A tão longa duração das guerras, mesmo quando já há muito perdidas, deve-se ao que Canetti considerará como um instinto mais profundo de massa: o de manter-se em seu estado agudo, não se desintegrar, permanecer.

Em *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921/1996d), *Totem e tabu* (1912-13/1996a), *O futuro de uma ilusão* (1927/1996f) e muitas outras obras, Freud reflete sobre o que fazem seres humanos obedecer, admirar, amar tiranos.

Mark Edmunson (2009), em *A morte de Freud: o legado de seus últimos dias*, observa sobre o criador da psicanálise:

Em um certo sentido, ele logo começaria a pensar com profundidade sobre o homem que o jovem Adolf Hitler, como ele residente da cidade de Viena em 1909, se tornaria e também sobre todos os tiranos que seguiriam Hitler ao longo do século XX e no início do século XXI. (p. 13-14)

Sabemos que os nazistas odiavam Freud com particular veemência. Em 1933, queimaram seus livros nos comícios nas ruas da Alemanha, “contra a glorificação da vida instintiva que destrói a alma” (Edmunson, 2009, p. 15). Em 1938, Adolf Hitler desejava a Áustria, cidade que, em sua “missão histórica”, almejava destruir; cidade em que fora submetido a abusos e humilhações. Freud, por sua vez, vivera em Viena durante quase toda sua vida e lá realizou seu trabalho, contra não poucas resistências. Em 1938, velho e doente, ele vivia dias de tormento, em consequência de diversas operações de câncer. Refletindo sobre os nazistas, logo após a invasão da Áustria, Freud aponta neles algo assim mais ou menos inevitável, algo chamado “pulsão de morte”, força presente em toda a vida orgânica, em todos os seres, uma ânsia de retornar a um estado primordial, de buscar, à sua própria maneira, a destruição e a decomposição.

Até o final de sua vida, Freud considerou a pulsão de morte uma hipótese aberta. Ao deparar-se, enfim, com a nudez inviolável da pulsão de morte que reina como mal-estar na civilização, a psicanálise esbarra com um limite, com algo de inacabado e de inassimilável. Silêncio conceitual, talvez a questão maior que o discurso psicanalítico nos impõe, questão trágica por excelência, questão que lança a todo momento o discurso na superação de si mesmo, no ainda não pensável acerca do pensável.

Se tudo o que é imanente ou implícito na cadeia dos eventos naturais pode ser considerado como submetido a uma pulsão dita de morte, é porque há a cadeia significativa. É de fato exigível neste ponto do pensamento de Freud que isto de que se trata seja articulado como pulsão de destruição, porque ela põe em causa tudo o que existe. Mas ela é igualmente vontade de criação a partir de nada, vontade de recomeço. (Lacan, 1966 p. 251)

Testemunhemos.

### **Psychoanalysis and the holocaust – death drive in testimony**

**ABSTRACT** *Recognizing the vigor of the Freudian legacy, which erupts beyond his work and his time, this article, intends, in a brief incursion and, in an interdisciplinary way, to think about the unfinished, inaccessible, inviolable, and demonic concept of death drive, articulating it with the biggest genocide of the 20th century, the Holocaust. In our culture's actual moment, the Nazi and neo-Nazi ideologies' existence confirm the testimony's relevance, essential now and ever, of the imperative presence of Thanatos, a radically problematic abyss point that reigns as discontent in our civilization. In our search to strengthen Eros, following Freud, we aim to testify the impossibility of practicing psychoanalysis under totalitarianism.*

**KEYWORDS:** *psychoanalysis; death drive; holocaust; testimony.*

### **Psicoanálisis y holocausto – la pulsión de muerte en testimonio**

**RESUMEN** *Al reconocer la vigencia del legado freudiano que irrumpe más allá de su obra y de su tiempo, el presente artículo pretende, en breve incursión y de modo interdisciplinar, pensar lo inacabado, inaccesible, inviolable y demoníaco concepto de pulsión de muerte, articulándolo con el mayor genocidio del siglo XX, el Holocausto. En el momento actual de nuestra cultura la existencia de discursos nazistas y neonazistas confirman la relevancia del testimonio, fundamental hoy y siempre, respecto a la presencia imperativa de Tanatos, punto de abismo radicalmente problemático que reina como malestar en la civilización. En nuestra búsqueda de fortalecimiento del Eros, siguiendo a Freud, aspiramos a ser testigos de la imposibilidad de practicar el psicoanálisis bajo totalitarismos.*

**PALABRAS CLAVE:** *psicoanálisis; pulsión de muerte; holocausto; testimonio.*

## **Referências**

- Amichai, Y. (2018). *Terra e paz: antologia poética*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Arendt, H. (2013). *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Canetti, E. (2005). *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Cezimbra, M. (2006, 29 abr). Os novos desafios da psicanálise. *O Globo*, Rio de Janeiro, Prosa & Verso (pp. 1-2).
- Crasnianski, T. (2018). *Filhos de nazistas: os impressionantes retratos de família da elite do nazismo* (F. Scheibe, trad.). São Paulo: Vestígio.
- Duarte, M. (2022, 09 fev). Após fala sobre Nazismo, Kim Kataguirí vira alvo de pedidos de cassação e de renúncia. *O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno Brasil (p. 8).
- Edmunson, M. (2009). *A morte de Freud: o legado de seus últimos dias*. Rio de Janeiro: Odisseia.

- Freud, S. (1996a). Totem e tabu. In S. Freud, *Totem e tabu e outros trabalhos (1912-1913)*(Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIII, pp. 11-164). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1912 e 1913).
- Freud, S. (1996b). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In S. Freud, *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*(Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIV, pp. 285-312). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).
- Freud, S. (1996c). Além do princípio de prazer. In S. Freud, *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)* (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVIII, pp. 11-76). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996d). Psicologia de grupo e a análise do ego. In S. Freud, *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)* (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVIII, pp. 77-154). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1921).
- Freud, S. (1996e). Um estudo autobiográfico. In S. Freud, *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos (1925-1926)* (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XX, pp. 10-76). Rio de Janeiro: Imago. (Original escrito em 1924 e publicado em 1925).
- Freud, S. (1996f). O futuro de uma ilusão. In S. Freud, *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*(Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XXI, pp. 11-64). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1927).
- Freud, S. (1996g). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*(Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XXI, pp. 65-148). Rio de Janeiro: Imago. (Original escrito em 1929 e publicado em 1930).
- Freud, S. (1996h). Por que a guerra? In S. Freud, *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)*(Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XXII, pp. 189-208). Rio de Janeiro: Imago. (Original escrito em 1932 e publicado em 1933).
- Franzen, N. (2022, 05 fev). Condenado por negar Holocausto, influenciador alemão de extrema direita se abriga no Brasil e segue com discurso de ódio. *O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno O Mundo (p. 22).
- Fuks B. (2014). *O homem Moisés e a religião monoteísta – três ensaios: o desvelar de um assassinato*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Garrafa, V. (2003). Bioética e manipulação da vida. In A. Novaes (Org.), *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Kershaw, I. (2010). *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lacan, J. (1966). *Écrits*. Paris: Ed. du Seuil.
- Lacan, J. (1988) *Seminário VII* : Rio de Janeiro, Zahar,

- Levi P. (1998). *É isto um Homem?* Rio de Janeiro: Rocco. (Original publicado em 1947).
- Monteiro, J.P., *Vida e Obra* In Hobbes, T (1983). *Leviatã ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil* / In: *Os Pensadores* São Paulo: Abril Cultural.
- Roudinesco, E. (2006, 07 maio). Um complô arcaico. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Mais.
- Saroldi, N. (2014). Prefácio. In B. Fuks, *O homem Moisés e a religião monoteísta – três ensaios: o desvelar de um assassinato*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Syrkis L. (2010). *Lila*. Rio de Janeiro: T X.

Recebido em 21/03/2022.

Aceito em 08/06/2022.

---

**Marília Vilhena**

mamevi777@gmail.com